

SUMÁRIO

Instruí-vos! (Introdução)	11
1. Sociedade, Espiritualismos e Espiritismo	21
Frente a frente com as dificuldades atuais	23
Formadores de opinião: espiritualismos e propriamente espiritismo.....	29
Possibilidades regeneradoras hoje: Aleluia! (<i>Hallelujah</i>)	36
Como conclusão.....	46
2. Evolução da cultura brasileira e o Espiritismo....	53
Terras de ultramar, povoamento e colonização.....	55
Sincretismo cultural e religioso no Brasil.....	61
Caminhos antropológicos e históricos preparam a chegada do Espiritismo. Ele chega	67
As dificuldades que não haveriam de faltar	74
Novo panorama cultural e nova época de luzes espíritas.....	78
Concluindo.....	85

3. O Espiritismo como filosofia.....	91
Algumas distinções necessárias.....	93
A liberdade cuidadosa e a filosofia.....	98
O livro fundacional: seus eixos e aspectos.....	106
Reflexões conclusivas.....	111
4. A vertente religiosa do Espiritismo.....	115
Experiências científica e religiosa: o natural e o sobrenatural.....	117
Espiritismo: experiência religiosa e religião	123
Luzes advindas da Codificação Espírita	129
Brasil: a imigração vital do Espiritismo	142
Em conclusão... ..	149
5. Transição planetária: medo ou esperança?	153
As catástrofes e a fé: pensamentos preambulares	155
Transição planetária: alvorada ou apocalipse?	159
A paz de Jesus não é alienada	168
Ideias conclusivas.....	176
6. O amor de si	183
7. Educação e Espiritismo	193
As responsabilidades do educar	194
Espiritualidade.....	202
Educação e Espiritismo	208
Ideias conclusivas.....	218

8. Os fundamentos reais do Espiritismo	225
Aspectos nitidamente evangélicos do Espiritismo	227
Novos fundamentos cristãos	235
Expandindo a compreensão do mundo e da vida	241
Concluindo.....	249
 Conclusão que não encerra.....	 253

INSTRUÍ-VOS! (Introdução)

No processo evolutivo da vida em nosso mundo, a certa altura deu-se o surgimento da consciência reflexiva, que foi a “antropogênese” (ou a presença de seres humanos pensantes na Terra). A racionalidade vinha distinguir os humanos de todos os demais viventes, mas – e isto é fundamental que não esqueçamos – sensibilidade e razão faziam, inseparavelmente, parte da referida consciência reflexiva, como milhares e milhares de anos depois precisam prosseguir juntas. Senão, temos os usos muito necessários da razão atrapalhados pelos abusos ingênuos da mesma racionalidade. Não por acaso dizia Santo Agostinho (século IV d.C.): “Para conhecer de fato, é preciso amar”. Assim, sensibilidade emotiva e cognição (conhecimento) são os dois fatores fundamentais que constituem os seres pensantes. Mais simplesmente: a inteligência reflexiva não dispensa intuição e sensibilidade.

Lembremo-nos de que tudo no ser humano é relativo e as coisas absolutas não lhe dizem respeito. Nos séculos XVII e XVIII (principalmente), o Ocidente conheceu um tal surto de racionalismo que, hoje, historicamente o denominam “o mito da razão absoluta”. O mecanicismo do pensamento do filósofo e matemático René Descartes e do cientista e pensador Isaac Newton desaguou na febre racionalista do século XVIII, o chamado Iluminismo, fazendo pensar que a razão humana sozinha podia vir a conhecer e a explicar todas as coisas.

Na Revolução Francesa, quando os revoltosos tomaram Paris, ao ocuparem a igreja de Notre Dame, ali encontraram um dos altares vazios por desconhecido motivo. Resolveram que ali seria o altar da Deusa Razão; a imagem desta foi esculpida e entronizada. Era o mito da razão absoluta e, por consequência, o desprestígio da intuição sensível e, mesmo, das crenças. Um clima assim não ficou restrito ao século XVIII, mas invadiu o século XIX, agora com o nome de cientificismo positivista. Lembremo-nos de que o mentor Emmanuel, ao longo de sua vasta obra dada à psicografia de Francisco Cândido Xavier, reconhecendo sempre a extrema importância da consciência racional, repete que essa consciência deve servir para transformar e enriquecer nossa sensibilidade.

A desrazão, é claro, conduz a superstições, a dogmatismos e a mitificações. Não há nenhuma possibilidade de desmerecermos nossa racionalidade, a não ser que caiamos na cilada da razão absoluta. O filósofo Paul Roubiczek esclarece-nos isso com exemplar cristalinidade, em sua obra *O existencialismo*. Leiamos-lo:

O termo ‘absoluta’ significa, neste contexto, duas coisas: primeira, que a razão é o último elemento da realidade, não determinado por nenhum outro nem derivado de outros; e segunda, que o poder da razão *não tem limites*. Mas, desse modo, a própria confiança na razão se faz irracional, já que toda experiência mostra que a razão faz parte da natureza humana, que é influída por esta, que seus poderes são limitados e que, por conseguinte, não se pode nem se deve considerá-la absoluta. (...) a razão tem uns limites estreitos e a maneira de pensar *puramente* lógica, racional, científica, ilumina apenas um setor bem reduzido da realidade. (Grifos e tradução nossos) (1970, p. 9)

Roubiczek ainda pondera que, se admitirmos a realidade do inconsciente, admitimos juntamente que a razão tem limitações. Todavia nada do que até aqui tratamos torna menos importante a racionalidade consciente. Repetimos: é a exata combinação

de sensibilidade e razão que eleva a nossa condição de pensamento.

Por que as presentes reflexões são necessárias na abertura deste livro?

Porque os livros que compõem o Antigo Testamento bíblico trazem-nos as marcas dos tempos em que foram escritos; do mesmo modo, os Evangelhos e os demais escritos neotestamentários são marcados por condicionamentos postos por aqueles segmentos históricos; e não podemos ignorar, de modo fanatizado, que os livros da Codificação Espírita trazam – sem prejuízos doutrinários – condicionamentos do ambiente de racionalismo científico do século XIX.

Vemos a razão exaltada por grande figura do século XX, o médico e filósofo Karl Jaspers em sua obra intitulada *Razão e contra-razão no nosso tempo* (tradução portuguesa). Sem admitir a razão como recurso absoluto, Jaspers dedica-lhe uma página para destacar a imensa importância da consciência reflexiva. Destaquemos, de tal página, alguns trechos.

(...) (a razão) é o oposto da preguiça, que nos dispensa de refletir, mal uma ideia ganha corpo aos nossos olhos. Apela para a meditação, é o oposto do arbitrário. (p. 52)

(...) Todos os movimentos da razão tendem a afrouxar os laços dogmáticos...

(...) Permite (a razão) o conhecimento de si, a humildade, pois conhece as limitações humanas: é o oposto da presunção. (s/d, p. 52)

Palavras de um filósofo existencialista que não desconhece a importância da consciência reflexiva, por nós simplesmente chamada de razão. No entanto, também não desconhece as “limitações humanas” em seus raciocínios.

Em *O Livro dos Médiuns* (Cap. XXXI, nº 9), encontramos uma comunicação psicográfica, assinada originalmente por Jesus de Nazaré. Kardec, com todo o critério que lhe era habitual, anota que tal mensagem viera por seriíssimo médium da Sociedade Espírita de Paris, mas ressaltou que o texto deveria ser avaliado, em sua grandeza, individualmente pelos leitores. Dessa comunicação faz parte a seguinte exortação: “Espíritas! Amai-vos, eis o primeiro ensinamento; Instruí-vos, eis o segundo.”

Esta a razão pela qual quisemos, no presente livro, apresentar alguns “estudos” em âmbito espírita, mas à luz de aspectos filosóficos e científicos. Instruir-se é adquirir conhecimentos, informar-se, esclarecer-se, orientar-se. É ainda munir-se e se equipar, para a busca de iluminação e ampliação do próprio compreender a vida em suas nuances. Ora, o Mestre Jesus não ensina: instruí-vos apenas em

doutrina espírita. Seu ensinamento (“instruí-vos”) é mais universalista, no sentido de que, sendo possível, os espíritas procurem conhecer as afinações do Espiritismo com os Evangelhos, com o avançar da filosofia e da tecnociência. Não é um ensinamento elitista e exigente; ele apenas pede que os espíritas em geral se esforcem um tanto mais do que às vezes têm feito.

Em busca do autodesenvolvimento e na linha dos ensinamentos de Jesus, precisamos fazer uma imersão sem reservas nas experiências vitais. O teólogo e filósofo Hans Küng diz que, se quisermos sentir a realidade de Deus, não devemos fazê-lo por operações teóricas da razão; nem por sentimentos irracionais ou flutuações emocionais. Temos que mergulhar, com sensibilidade e razão, na totalidade da existência. Escreve Küng:

Para mim mesmo, sempre comparei esta atitude confiante à pessoa que deseja aprender a nadar. Não é ficando de pé na margem, nem é lendo um manual (de natação), nem fazendo um curso a seco sobre natação que se consegue aprender a nadar, mas sim tendo-se a coragem, talvez com a ajuda de outros, de entregar-se de corpo e alma à água misteriosa, que só sustenta quem nela confia, quem não permanece parado mas se põe em movimento. (2007, p. 119)

Todas as mensagens curtas, esclarecedoras e confortantes têm, é claro, seu lugar nos momentos da vida do espírita. Mas o Cristo marca dois ensinamentos objetivos: “Espíritas! Amai-vos; espíritas! Instruí-vos.” A par da compassividade e da caridade amorosa, exorta o Mestre: instruí-vos!

Nas páginas que se seguem, de nenhum modo assumimos uma atitude “professoral”, como a de quem entende saber muito e estar ensinando aos inscientes. Este livro expressa apenas um desejo de partilha; de repartir com os irmãos de jornada algumas reflexões e informações que a vida nos ofereceu. Para quê? Para oportunizar reflexão; aquela que combine sensibilidade com consciência racional.

Alguns trarão à memória o capítulo VII de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, que é intitulado “Bem-aventurados os pobres de espírito”, em razão de que seu texto bíblico é: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o reino dos céus” (São Mateus; 5:3). Ocorre que, imediatamente Allan Kardec comenta que os incrédulos deviam ter-se divertido por terem mal interpretado a palavra evangélica. Adverte Kardec:

Por pobres de espírito Jesus não entende os homens desprovidos de inteligência, mas os humildes: ele disse que o reino dos céus é deles e não dos orgulhosos.

Os homens de ciência e de espírito, segundo o mundo, têm geralmente tão alta consideração de si mesmos e *de sua superioridade*, que olham as coisas divinas como indignas de sua atenção; seus olhares concentrados sobre sua pessoa, não podem se elevar até Deus. (1994, p. 101)

É tão óbvio que o Mestre Jesus não iria considerar bem-aventurados os sofreadores de idiotia ou de outros transtornos mentais, exatamente pelas suas deficiências! Mais que óbvio que, na palavra do Cristo, havia uma metáfora sujeita às dificuldades até mesmo das traduções. O que o Mestre pede é que nos instruamos, não para posteriores exibições vaidosas de sapiência, mas para pôr a usina da nossa alma em busca de compreensões substanciosas que possam ser compartilhadas com nossos irmãos de caminhada.

O ser humano é um todo. Razão e intuição sensível são elementos essenciais a esse todo. De modo que a prática da vida religiosa – neste caso, da vida espírita – não pode ser realizada com uma parte do ser. Não só os livros instruem; para os que querem aprender, a vida e os convívios instruem também. O que quisemos com os estudos que compõem este livro foi lembrar que o Espiritismo não é superficial; ao contrário, é volumétrico; como um cubo, ele apresenta diversas faces que nos pedem conhecimento para meditação. Tendo vivido mais de quarenta

anos em meios universitários aqui almejamos, com modéstia, provocar uma confluência entre filosofia, socioantropologia e religião.

Sendo o Espiritismo, tal como o entendemos, também rica experiência religiosa, difícil será ignorarmos que é essa faceta a que mais profundamente toca a alma brasileira. Deve ser assim, no entanto, sem prejuízo de estudos filosóficos e científicos que nos possam tornar mais esclarecidos quanto à doutrina e à prática que abraçamos. O histórico sociólogo Émile Durkheim (séculos XIX e XX) entendia ser a religião o que dá a uma sociedade seu modo de ser, dá-lhe coesão social, ética, comportamento moral e responsabilidade científica mesmo a todos aqueles que, como ele próprio, não tinham em sua vida específicas preocupações religiosas (Cf. *As formas elementares da vida religiosa*, 1968, *passim*).

Cada leitor fará seu juízo sobre os temas em que tivemos êxito e os temas nos quais eventualmente falhamos. Em nenhum momento tivemos a presunção de estar sempre certos.

Bibliografia

DURKHEIM, Émile. *Las formas elementales de la vida religiosa*. Buenos Aires: Schapire, 1968.

- JASPERS, Karl. *Razão e contra-razão no nosso tempo*. Lisboa: Minotauro, s/d.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*, 175ª ed. Araras: IDE, 1994.
- _____. *O Livro dos Médiuns*, 40ª ed. Araras: IDE, 1996.
- _____. *O Livro dos Espíritos*, 140ª ed. Araras: IDE, 1991.
- KÜNG, Hans. *O princípio de todas as coisas*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- ROUBICZEK, Paul. *El existencialismo*, 3ª ed. Barcelona: Labor S.A., 1970.